

A singularidade do sistema e a pessoa-analista

Danilo Gama Goulart¹, Aracaju

Se se encontrasse em alguma situação embaraçosa, eu não lhe sugeriria que dissecasse impiedosamente seus sentimentos, mas, se o fizesse, veria o quanto é pouco seguro de si mesmo. O esplendor do universo provém, aliás, dessa multiplicidade de possibilidades, mas infelizmente, esse não é um terreno sólido para o nosso conhecimento. Fragmento de carta de Freud, aos 17 anos, para Emil Fluss.

1 de maio de 1873.

(MIJOLLA, 1982. Pág73).

RESUMO: No presente trabalho, o autor busca investigar sobre a construção do indivíduo e os componentes da singularidade das experiências decorrentes do processo de desenvolvimento da vida humana em relação às possíveis variações das interpretações da realidade. As principais referências utilizadas pelo autor são Freud, Bion, Ferrari e Anzieu, além da experiência clínica como base para as proposições, contendo alguns fragmentos de sessões de análise.

PALAVRAS-CHAVE: experiência; complexidade; incômodo; psicanálise; percepção.

1. Membro do Núcleo Psicanalítico de Aracaju (NPA), membro do Instituto de formação psicanalítica da Sociedade Psicanalítica do Recife (SPRPE), presidente e membro-fundador da sede brasileira do *Instituto Psicoanalítico di Formazione e Ricerca A.B. Ferrari* (IPFR).

Intro-dução²: Rastreado um pensamento?

A minha dificuldade em escrever remete à motivação de escrever. Ao mesmo tempo, ou no único, evidencia de tal forma a complexa variância de significados possíveis da tentativa de comunicação com esse novo instrumento humano, a palavra. Mas, por necessidade, nos esforçamos.

Tenho que usar esta nova moda, o discurso humano, que tem só uns poucos milhares de anos; tenho que usar palavras que são extremamente grosseiras e exageradas, preto e branco. Na medida em que o interesse é o significado, elas não são apenas brancas e pretas; frequentemente são tão vagas que é muito difícil conseguir delas algum sentido. Tentamos empurrar essa faculdade para que ela faça algo em uma direção para a qual ela não foi projetada, ou seja, a investigação da mente humana. Então, oferecemos essas afirmações e esperamos que cada leitor seja capaz de transformá-las em um “algo” que faça algum sentido prático (BION, 1978 pág. 128).

Quero iniciar esse trabalho a partir do ponto em que me encontro, agora. Ainda desconheço as palavras que estão a ser escritas, enquanto estou terminando de escrever a anterior. Confesso, ainda não sei o que vou escrever. Mas percebo algo, que não sei o quê, começa a se mostrar para mim, como proto-ideias, fragmentos de pensamentos, peças de uma imagem. Não tenho como expressar muito bem, mas sinto que se aproximam, parecem inibidas, mas se aproximam, convidado. Seria algo como o que Bion chamou de “pensamentos selvagens”? Então, sentado em minha cadeira, eu aguardo. Incomodo-me um pouco com a espera para os convidados chegarem. Paciência.

Próximo ao final do horário de uma sessão com uma analisanda (B), ela fica um momento em silêncio e depois diz:

2. Etimologicamente, a palavra introdução é originária do Latim *introductio*, “ato de guiar para”, formada pelo prefixo *intro* (para dentro) mais *ducere* (liderar, guiar).

B- Eu estou aqui pensando como esse negócio é complexo, mas às vezes parece simples... a psicanálise. Fico impressionada. Tipo, o que você disse me fez lembrar do início. que, antes eu ficava pensando o que eu ia falar, que não tinha o que dizer, ficava medindo, escolhendo as palavras... Só que de algum tempo para cá, eu meio que desisti de fazer isso. Não que não surja isso em mim, mas depois eu penso, não importa o que eu disser, chega um momento que você fala e parece que eu falei exatamente o que não queria ter dito, mas de algum jeito eu disse, ou você me escutou... é uma viagem.

Devo uma nova confissão ao leitor que decidiu acompanhar esse trajeto: ainda não cheguei a uma conclusão do objetivo deste trabalho, mas ao mesmo tempo que escrevo esta frase anterior, me respondo: “claro, ainda está escrevendo, como poderia chegar a uma conclusão do que ainda não é?.” Parece uma brincadeira, de alguma forma, auspiciosa. Sinto como se o trabalho já estivesse se definindo a partir do que acabo de colocar nessas poucas palavras. Talvez, descobriremos.

A complexidade do fazer psicanalítico é de algum modo ambíguo na história do desenvolvimento do seu corpo teórico-técnico. Divergências, dissonâncias são comuns nos grupos e na literatura, tanto quanto as aproximações e convergências, também algumas organizações, quase, escolásticas. Como se houvesse uma busca por uma verdade psicanalítica já encontrada, ao que me parecem mais como predileções pessoais inominadas. Talvez as predileções esquecidas, ou “pessoais” escondidas por trás das teorias.

Não vejo porque o universo em que vivemos devia nos fazer a cortesia de ser compreensível para nós, meros seres humanos. Isso também é verdade para nossos próprios corpos e mentes nos quais temos de viver. Mesmo que não perturbemos o ‘universo’, o não-nós, descobrimos que basta tentar saber quem ‘EU’ sou, envolve uma quantidade intolerável de descobertas daquilo que

nunca fomos capazes de tolerar e que, tão provável quanto não, estávamos certos em não tolerar (BION, livro 3, pág. 59).

A fantasia e o desejo onipotente de conhecimento e assertividade, mais a curiosidade e o espaço criativo, trouxeram algo que foi, um dia, inimaginável. Como proposta instrumental, a psicanálise oferece, uma possibilidade de investigar coisas inexatas, obscuras e de certa maneira, não investigáveis. Ou seja, a psicanálise nada mais é senão um instrumento, e, como um instrumento musical, sua utilidade depende de como é tocado, manejado. Em outras palavras, depende inexoravelmente da pessoa que dela se apropria, e conseqüentemente, as variedades harmônicas, de formas, tonalidades, estilos são, potencialmente inesgotáveis.

Mas, fundamentalmente, pela nossa própria constituição, não temos (ao menos, ainda) capacidade de enxergar além do que nos é permitido pelo estatuto particular do nosso sistema corpo-mente. De outra forma, não há uma psicanálise e seu praticante que possuam uma qualidade tal que permita a definição ou o encontro com tão iminente longínqua verdade última. Pois, em “termos psicanalíticos”, o inconsciente é atemporal e continuamente produzido, sendo dessa maneira, talvez, possível de observar a sua presença em produção pelas manifestações. Podemos tentar rastrear pelos vestígios, mas pelo que parece do seu feitio, nunca chegamos a sua face.

Como explicitou Freud (1900), na Interpretação dos Sonhos, que um sonho, por mais bem interpretado que seja, nunca se esgotará, ou seja, sempre haverá, ao menos, um ponto obscuro que o liga ao inconsciente. Traz à luz o aspecto oculto e inacessível do material inconsciente, ou nos aproxima da escuridão.

Segundo Bion (1973), uma psicanálise deve direcionar ao desconhecido, à constante investigação, e *“todo progresso psicanalítico denota a necessidade de mais investigação”*.

Por mais completa que seja uma análise, quem se submete a

ela só é revelado parcialmente; em qualquer ponto da análise a proporção entre o conhecido e o desconhecido é pequena. Portanto, a característica dominante de uma sessão é a personalidade desconhecida e não o que o analisando ou analista pensam que sabem (BION, 1973, pág. 96).

O que a experiência mostra, reflete uma ampla gama de possibilidades de investigar o que não se sabe, de tudo o que é presente, como também em sua ausência, contendo em si o infinito, ou contido por ele.

A Singularidade do Sistema

Anos atrás, quando ainda estava no colégio, um professor de ciências disse: *“nós, seres humanos, não temos a capacidade de ver a realidade com os nossos olhos”*, me lembro ter chamado minha atenção. Prosseguiu: *“o que nós captamos pela visão, o que vemos, não são as coisas em si, mas o reflexo da luz que emana dos objetos”*.

Essa ideia me deixou intrigado e decidi buscar satisfazer a minha curiosidade, que considero que pode ser interessante compartilhar aqui, mesmo que sinteticamente.

A luz é compreendida atualmente como um tipo de onda eletromagnética, ou um fluxo de partículas que transportam energia. Dessa forma, é como se a luz do Sol que chega à superfície da Terra, toca os objetos e modifica o seu percurso dando continuidade em sua trajetória, mas com uma carga diferente, alterada pelo contato com os objetos que tocou, assim adquire ou troca “informações” como códigos de cor, intensidade de luminosidade e limites da forma.

Quando um ser humano está no caminho dessa luz, obstruindo a sua passagem, uma quantidade de luz chega aos olhos e a pupila, auxiliada pela íris, regula a entrada modificando o fluxo, protegendo o organismo. A córnea e o cristalino tem a função de refração, para conter a velocidade e concentrando os raios de luz para a retina que com os fotorreceptores, convertem a luz em impulsos elétricos. Esses impulsos elétricos já com

nova configuração e codificação, são levados para o cérebro, que por sua vez, buscará uma nova codificação, baseado no que tem como referencial, as experiências sensoriais previamente registradas para buscar significado, de certa forma, já conhecido.

Dessa maneira, pela singularidade dos eventos, do percurso dos raios de luz, do reflexo, da posição do sistema (corpo-mente) observador, já seriam suficientes para exemplificar. Mas, acrescido das transformações efetuadas pelo organismo que recebe o estímulo, a realidade pode se tornar muito mais complexa a ser comparativamente estável. Uma variável?

Em qualquer objeto, material ou imaterial, reside a realidade última incognoscível, a ‘coisa-em-si’. Os objetos produzem emanções, ou qualidades emergentes ou características em evolução que quase se impõem como fenômenos à personalidade humana. Destas qualidades a personalidade está sabedora consciente ou inconscientemente; elas diferem da realidade última (BION, 1970 pág. 97).

São os órgãos dos sentidos que possuem a função de recepção dos estímulos externos, mas também a função de proteger o organismo contra quantidades excessivas de estímulos e impedir espécies de estímulos, considerados pelo sistema, inadequados (FREUD, 1920). Esses órgãos dos sentidos, vinculados à consciência, possuem a função de coletar informações para o sistema complexo comparar com experiências anteriores e avaliar os riscos e/ou possibilidades da realidade (FREUD, 1911).

A realidade do mundo externo é então perceptível apenas até o ponto em que o nosso organismo nos permite, pelo que é considerado suportável pela sensorialidade, como no exemplo anterior, o movimento das pupilas que expandem ou contraem dependendo da intensidade do evento de luz.

Para os estímulos provindos da realidade externa, existe uma forma de proteção, ao menos, quantitativa, ou seja, a intensidade dos estímulos pode ser amenizada, conseqüentemente possibilitam alterações “preventivas”

dos níveis de tensão, de excitação provocados no sistema, que de outra maneira poderia provocar uma situação traumática. Por isso, ao olhar para uma luz muito intensa, pode ocorrer como que involuntariamente, os músculos que forçam o cerrar das pálpebras, caso o processo de captação sensorial, que descrevi como exemplo, não seja suficiente.

De outra maneira, os estímulos oriundos da realidade interna, como por exemplo o quantum de agressividade e destrutividade, que segundo Klein (1946), seriam originários constitucionais do indivíduo deste o início da vida. E como ela mesma afirmou, o que anteriormente Freud havia descrito sobre o mecanismo de *projeção*.

...em primeiro lugar, a prevalência das sensações de prazer e desprazer, que são um índice para o que ocorre no interior do aparelho, sobre todos os estímulos externos; em segundo lugar, a adoção de uma conduta ante excitações internas que provocam um excessivo aumento do desprazer. Haverá a tendência de tratá-las como se agissem a partir de fora e não de dentro, para poder usar contra elas os meios defensivos da proteção contra estímulos (FREUD, 1920, pág. 191).

De certa forma, a realidade percebida só é percebida por uma motivação, que expondo de forma extremamente simplificada, satisfazer as necessidades do sistema do observador, para preservar a vida no espaço-tempo que está, único e presente, o qual nenhum outro indivíduo pode estar.

Quando um evento, supostamente inevitável, com intensidade de estímulos externos alta o bastante para ultrapassar as proteções, o sistema é perturbado e inundado por grande excitação, surge a tarefa de produzir a capacidade anímica para lidar com esse montante de estímulos, ligando-os psicologicamente em busca da eliminação ou diminuição da tensão.

As mais ricas fontes de tal excitação interior são os chamados

instintos do organismo, os representantes de todas as forças procedentes do interior do corpo e transmitidas ao aparelho psíquico, que constituem o elemento mais importante e mais obscuro da pesquisa psicológica (FREUD, 1920, pág. 198).

A ideia fundamental que busco transmitir nessa parte do trabalho é a singularidade da constituição experiencial ou existencial de cada ser, de cada sistema, baseada no espaço-tempo particular, considerando aspectos específicos e complexos de tal forma que as variações, mesmo quando aparentemente sutis, das nossas percepções da existência e da realidade, estão sempre presentes. Pois a singularidade constitutiva, o corpo, as experiências, as memórias são específicos para cada sistema, e de alguma maneira intransponíveis.

A hipótese do O.O.C. (Objeto Originário Concreto) contempla, de certa maneira, os aspectos trazidos no texto até agora. Ferrari (1995) aponta para a origem indissociável da relação corpo-mente, que aqui chamo de sistema, e suas consequências no trabalho psicanalítico são sensíveis. A consideração pelo contexto real, concreto do corpo altera a percepção relacional e amplia as possibilidades da clínica psicanalítica.

Diante do afirmado até o momento, considero pensar sobre o funcionamento da relação analítica, como composta por duas pessoas, como dois sistemas que só podem conhecer a realidade através de si, dos próprios referenciais, não existindo a possibilidade de outra maneira pelos limites de cada sistema, pela sua complexidade, com o contorno de suas próprias realidades e suas variâncias para os mesmos, em tal ponto, constante e renovadamente, desconhecidas. Como, numa contribuição no livro de Armando Ferrari, *O Eclipse do Corpo*, explicita Milana (1995): “*O homem sente na relação vertical a raiz indestrutível de si mesmo, mas ao mesmo tempo se dá conta de que é justamente lá a área onde existem zonas inalcançáveis*”.

Então, de que maneira afirmamos fazer o que nos propomos no momento em que estamos participantes de uma relação analítica? Ou de

qualquer outra?

Tudo o que acontece em um consultório já aconteceu antes, corriqueiramente, a ambos os participantes, mas nunca dessa maneira. O comportamento que está sendo observado minuciosamente é o comportamento de seres humanos comuns; mesmo as interpretações dadas não diferem, em essência, de um tipo de interpretação que, no decorrer de nossa vida cotidiana, estamos acostumados a dar e receber, ainda que não tenhamos ouvido falar em psicanálise (BION, 1959, pág. 104).

A ausência de uma resposta, pode ser a possibilidade de ampliação, mas neste caso, penso que não tem uma resposta. Ou, que a resposta seja também variável, de acordo com a experiência.

Penso que as teorias seriam inúteis, se não houvesse uma finalidade prática, ou originadas a partir da prática, da experiência, da observação da relação. Ao menos, para considerar as hipóteses, conjecturas, em comparação aos fatos da experiência, e buscar alguma validade, ou uma aproximação com alguma verdade.

Numa carta para Ernest Jones, 22 de maio de 1910, Freud escreveu: *“Todo trabalho sistemático é incompatível com meus dons e minhas inclinações. Todos os meus impulsos vêm das impressões que recebo no trato com meus doentes.”*

A pessoa-analista na relação

A importância das considerações trazidas no desenvolvimento deste trabalho, apontam para uma forma de trabalho de relação, pois dito antes, o que importa é o desconhecido, somos inacessíveis em determinados aspectos e limitados em nossas formas de comunicação, por ocorrer entre um emissor e um receptor, que a informação comunicada passa por diversos processos de transformação e decodificação para ser emitida, e mais um extenso desdobrar para as traduções no mundo interno, e a forma possível

de consciência sobre isso.

Para além disso, na observação psicanalítica, o seu objeto se encontra ou não, por uma via extremamente imbricada e inalcançável, não separável do sistema, mas de maneira intrínseca e ausente, mas presente a todo o tempo. A busca, o material de investigação, é o desconhecido e por ser incognoscível, ele ainda *não é*, como um constante tornar-se. Consequentemente, inapreensível, situado além do que é sensorialmente perceptível, ou talvez “escondida” atrás da sensorialidade, e pela nossa constituição, quase que apoiada nela, pois sem ela, *não há*.

Assim, penso que seja importante, examinar mais atentamente a questão do funcionamento do sistema do analista.

Ex. 1: Paciente K (virtual, em pandemia)

Paciente K, após ter interrompido duas vezes o processo analítico desenvolvido comigo, me procura novamente e após pouco mais de dois meses depois, em determinada sessão:

K: então, eu venho pensando sobre a análise. Que eu vou interromper, já até imagino o que você vai dizer, mas, tem várias motivações que já havia dito antes. Não quero parar de fazer análise, mas eu fico imaginando como seria fazer com outra pessoa, de uma forma totalmente diferente. Não conheço outra porque não tive essa experiência. E também procurar alguma que seja mais em conta. E ainda fico pensando se você iria interromper ou ia chegar um dia que ia finalizar.

Faço algumas associações, enquanto K continua falando, me ocorrem passagens do desenvolvimento da análise, as capacidades que surgiram. Faço associações internamente sobre os núcleos narcísicos e homossexuais, me dou conta de que o Dia dos Pais está próximo, e que me parece que existem fundamentos para aquilo que está acontecendo, que poderia fazer uma “interpretação psicanalítica”. Ocorrem-me ideias sobre relatos de K sobre sua vida, seu relacionamento familiar, com o trabalho, com as

dificuldades na análise, poderia relacionar para ele sua atitude em relação à análise e as origens de seu formato, interpretar a transferência. Entretanto, a minha sensação difere disso, me leva a outro caminho, pois sinto que isso já havia feito, que já aconteceu e não havia espaço para o conhecido. Sentia que, intelectualmente, as associações expostas por K, produziam algo como um contorno na sua própria fala, uma proteção racional frente a análise, como também em outros momentos senti-me apegando em demasia à razão.

Incomodo-me, sentia que o trabalho que estava sendo desenvolvido se tornava mais produtivo, mas não tinha como saber a maneira em que K percebia.

Ao final do horário, K diz:

K: Então, essa é a última sessão, já fiz o pagamento.

Questiono K mais uma vez se é isso mesmo, e se “é para liberar os horários”.

K me responde sorrindo:

K: Gostou não, foi?

A: Não.

K muda sua expressão, como que num susto.

K: Como assim?

A: O que? Você me perguntou se não gostei, eu disse que não.

K fala algo como se estivesse ficado confuso, não me recorro bem das palavras, mas do significado que sobreveio em mim. Talvez a maneira que tenha expressado, ou a minha de compreender, ou, quem sabe, ambos ou nenhum. O que chegou para mim, foi como se dissesse: “analistas não podem responder assim”!

A: Sinto que a análise, a nossa relação, vem se desenvolvendo, e percebo que quando chegamos a nos aproximar mais de algo, você tende a romper. Mas, já aconteceu antes e você sabe disso. A ideia de interromper novamente, neste momento, não me faz gostar, e parece que você se surpreende com a minha resposta. Mas, a questão não é se eu gosto ou não. Você é a pessoa que pode dizer sobre você e talvez se surpreenda por perceber que posso falar de mim.

K fica com uma expressão de seriedade.

K: Talvez...

Chegamos ao final da sessão, K me agradece, agradeço de volta e “até mais”.

Fiquei pensando sobre o que ocorreu na sessão com K, e sobre a minha atitude em relação à interrupção. Sobre ter respondido que não gostava, quando o paciente questionou.

Dependendo do vértice do sistema do observador, poderia pensar, possivelmente, em uma atitude analiticamente inapropriada. Entretanto, enquanto me questiono sobre isso, não imagino, a partir da minha perspectiva, outra forma de lidar com aquele momento específico. E, concomitantemente, não tinha como saber o que essa experiência trouxe para K, a não ser, como em qualquer situação, especialmente em psicanálise, toda atitude, interpretação, experiência de relação, só poderão ser obtida informações a partir dos desdobramentos.

Em uma discussão, questionam Bion sobre o que ele “encara como sendo um comportamento geralmente apropriado para um terapeuta”, e ele responde:

Minha reação a isto é que não se pode dizer o que é apropriado ou não. Fundamentalmente, não há nada que uma pessoa possa fazer em relação a isto – caso possa, então está errado. O que os

pacientes têm de se dar conta é que têm que me tolerar lá. É inútil o meu desejo de dar a impressão de que eles estão lidando com o médico ou com o analista; tenho que ousar estar a sós em uma sala com alguém que tem sua própria opinião sobre quem eu sou (BION, 1978, pág. 24).

No dia seguinte, logo no início da manhã, recebo uma mensagem de K dizendo que precisava falar comigo, pedindo um horário. Combinamos, e no tal horário decidimos retomar à análise, e fala sobre a possibilidade de retornarmos ao atendimento presencial. E já na sessão seguinte, ainda virtualmente, pude perceber uma intensa modificação na postura de K, ou, expressando melhor, uma modificação das minhas percepções enquanto compartilhava o momento da sessão com K, no movimento da relação analítica. Destaco, as minhas percepções e as aparentes expressões físicas vinculadas à emoção que K me parecia expressar genuinamente, como eu havia me permitido. Para não me alongar demasiadamente neste exemplo, uma fala de K: *“é muito difícil, para mim, expressar gratidão”*.

Examinemos a questão da impessoalidade, que o ideal interpretativo atualmente disseminado nos meios analíticos atribui a nossas intervenções: espera-se com efeito que só falemos como analistas, ou seja, como objetos de transferência e suportes de projeção (ANZIEU, 2006, pág. 306).

Importante ressaltar, que integrando a experiência emocional, se possível, alguma compreensão da experiência, deve ser trazida. Sim, como uma interpretação, para auxiliar o movimento vincular da realidade interna, mas posterior. Não entendo como útil, ou até possível, compreender uma situação sem a experiência.

Essa situação parece confirmar algumas hipóteses do que ocorreu a partir do encontro em que ocorreu a interrupção, entretanto, de acordo com o que me proponho neste trabalho, e para preservar a identidade de

K e a relação analítica, vou me abster de prosseguir com a minúcia desses aspectos dos desdobramentos, que em outro momento seria central aprofundar. Assim, transcurando, embora conscientemente, vou simplesmente afirmar que, a resposta afetiva, como pessoa-analista, trouxe possibilidades amplas para o desenvolvimento da relação analítica, talvez pela instituição da diferenciação, oferecer o real do mundo emocional, sempre presente, mas especificado naquele momento, e como mostram os desdobramentos, permitiu o evocar de um espaço criativo para novas experiências nesta relação.

Interpretar colocando-se simultaneamente como analista e como pessoa não é apenas um modo de revelar - quando tal revelação é exigida - para si, para os outros, para o paciente, seus próprios desejos de vida. É também mostrar a este último que ele consegue nos tocar. Mais uma vez, a regra, bem fundamentada por outro lado, de guardar para si as reações contratransferências pode funcionar como um jugo e esterilizar a liberdade inventiva do analista. Se o que a técnica psicanalítica tiver de melhor for cobrir-nos, diante de nossos pacientes, de penas de pato sobre as quais deixamos escorrer a água do amor e do ódio que eles sentem por nós, demonstrando-lhes ostensivamente que ela desliza e não molha, nós os devolvemos sem qualquer socorro ao seu desamparo primeiro, à *Hilflosigkeit* de que Freud falou (ANZIEU, 2006, pág. 307).

Ex. 2- Paciente M. (virtual, em pandemia)

Na primeira sessão da semana com a paciente M, ela inicia, como indica o seu padrão de entrada, com uma mensagem de texto enviada antes de iniciar a chamada de vídeo.

Entretanto, noto alguma alteração na forma como as palavras foram dispostas na mensagem. Chama a minha atenção, de forma breve, e logo me ocorrem ideias racionais como algo da tecnologia, aguardo.

No momento que inicia a chamada e a imagem de M surge para mim, começo a perceber um incômodo, sinto e ao olhar para M, me faz pensar que ela também está sentindo algo. E ela inicia a fala também de uma maneira que não me parece habitual, mas como uma diferença sutil.

Decido suportar o incômodo, penso o que seria, se existem motivações para sentir daquela maneira.

M segue a falar sobre situações diversas, me soa como se estivesse com tópicos selecionados, claros e relativamente objetivos. Por um momento, me ocorre a pergunta: “Para quê M está falando isso?”

Eu sentia como se as palavras que M dizia, por mais coerentes e bem ajustadas, produziam ou suscitavam uma ausência da minha capacidade de pensar. Eu não conseguia escutar, e me voltei para mim, logo notei que as minhas percepções iniciais, as quais decidi suportar com meu próprio desconhecimento continuavam a pressionar.

Em determinado momento da sessão, decido compartilhar com M os meus questionamentos sobre aquilo que me movia. Disse a ela que algo me chamava atenção, e enquanto eu falava sobre o movimento inicial da sessão, me ocorreu o que era o incômodo, e acrescentei: “parecia estar constrangida” e que as falas que seguiram pareciam ter uma função como de camuflagem, inibidora.

Imediatamente após oferecer para M os meus questionamentos a partir das observações do início da sessão, ela diz, alterando a voz:

M: Eu não acredito, Danilo! Eu ainda pensava se essas coisas não iriam acontecer aqui, por ser virtual! (risos) Você percebeu isso por causa do início da sessão? Caramba, é verdade... poxa! Eu não queria falar disso, mas...

M começa a falar sobre fantasias, sentimentos e desejos, que considerava inadequados e que estavam ligados ao processo da análise, e a partir desse momento, uma série de fatores surgiram dando possibilidade e vazão para os conflitos internos, em busca de uma transformação.

O interesse do trabalho psicanalítico está voltado para o desconhecido, como afirma Bion (1967, pág. 31) é o *“único elemento de importância em qualquer sessão. Não se deve permitir o que quer que seja que distraia de intuí-lo.”* E prossegue, discorrendo sobre a disciplina necessária para o contínuo exercício de abstenção de memória e desejo, e *“estas regras devem ser obedecidas o tempo todo, e não apenas durante as sessões.”*

Uma condição extremamente importante de ser buscada, e considero como um componente instrumental da atenção flutuante. Assim como Bion comparativamente expõe, na “resposta do autor”, aos debatedores desse trabalho (Notas sobre memória e desejo) um trecho de uma carta enviada por Freud a Lou Andreas-Salomé em 1916. No texto de Bion, cita um trecho da carta: *“Sei que me ceguei artificialmente em meu trabalho a fim de concentrar toda a luz sobre a passagem escura”*.

Em uma outra referência, por outra tradução e, de forma um pouco mais ampliada, o seguimento dessa “confissão” feita por Freud:

Sei que, trabalhando, crio artificialmente a escuridão em torno de mim para concentrar toda a luz sobre “o” ponto obscuro, renunciando à coerência, à harmonia, à elevação e a tudo o que chama de simbólico, temendo que, depois de uma única experiência, toda pretensão nesse sentido traga consigo o perigo de ver distorcido o que deve ser reconhecido, ainda que seja para melhor (MIJOLLA apud FREUD, 1982, pág. 36).

A ampliação da ideia, a partir da carta de Freud, parece trazer à tona o “temor” às consequências da ausência de um “equilíbrio funcional do aparato”. Infelizmente, não estou satisfeito com o uso dessa palavra (equilíbrio), mas no momento, não encontro outra forma que se aproxime ao que tento expressar.

Um psicanalista rígido em seus tratamentos, que convida seus pacientes a falar livremente, nada mais faz senão colocá-los

na situação paradoxal do duplo vínculo. Rigor analítico: sim, sem dúvida nenhuma; sem um enquadre de natureza simbólica que garanta ao paciente sua segurança interior enquanto ele regride, as produções do inconsciente que surgem devido a essa regressão! (afetos e representações) não podem ser exploradas. Mas igualmente disponibilidade, abertura, presença, apoio, receptividade, capacidade de “conter”, de receber em depósito e de simbolizar ali onde o outro não consegue fazê-lo. Existem faltas de rigor que alteram a transferência transformando-a numa relação perversa. Mas existem também rigores mortíferos: eles matam o processo analítico, a realidade psíquica, o trabalho de interpretação, às vezes eles matam pura e simplesmente e o paciente traduz por um suicídio a morte psíquica que o invadiu (ANZIEU, 2006, pág. 306).

No início do livro *“As (novas) confissões de um italiano”*, produzido a partir de uma transcrição de uma “longa conversa autobiográfica com Armando Ferrari”, seu amigo Luigi Santucci parte da ideia de memória, e Ferrari responde:

Você vai se espantar se eu disser – objeta - que eu não tenho memória (...) então, posso lhe dizer que minha memória, se por acaso existe, é muito estranha e anômala. Não é feita de algo que depusitei dentro de mim, um patrimônio estável e bem catalogado. Ela desperta, como de um tipo de letargia, graças a uma evocação: um objeto, um pedaço de sonho; ou até mesmo por intermédio de uma pergunta (FERRARI e SANTUCCI, 2010, pág. 11).

Decidi trazer essa passagem do livro citada acima por, de alguma maneira, ela expressar para mim, a relação da memória e a atenção fluante. Penso que a disciplina de abstenção que Bion expressou, deve ser

compreendida com uma ampliação. Pois, sim, o exercício da abstinência de memória e desejo são fundamentais, mas relativos.

Imagino que se, para uma sessão de psicanálise, a busca por essa disciplina de abstinência não for exercida, amplia a possibilidade do analista “abrir a porta do consultório em busca do paciente que esperava receber, mas este último não consegue entrar pois “não encontra espaço para entrar na sala.” Ou seja, o sistema do analista pode estar saturado de memória, buscando seguir, talvez, cronologicamente um desenvolvimento do paciente que acredita que conhece, mas que ainda não chegou. Então, de certa forma, ainda não existe o paciente, e o analista satura o próprio sistema para suportar a ausência, neste caso do paciente, ou do pensamento que ainda não chegou, e fazendo isso, talvez não chegue. Preenchendo o seu espaço criativo, possibilitador e direcionado ao desconhecido, com materiais já conhecidos impedindo a capacidade de pensar e as transformações.

Por outro lado, em caso de excesso de rigidez dessa disciplina, também pode acarretar a ampliação de situações de impedimento relacional, fragilidade vincular e na inibição da capacidade de inventividade e criação, na liberdade de ser a pessoa que é o analista.

De forma que, o exercício de abstinência deva ser exercido da maneira como Bion descreveu, entretanto, acrescento a fala do Ferrari. Então: o analista não tem memória, mas algo pode ser despertado por algo que parece ou não uma memória, se o pensa ser, não imagino que seja algo a ser rechaçado. Pelo contrário, se algo surge nessas condições, a partir de um estímulo, tanto originalmente interno quanto externo, podemos investigar sua utilidade, e talvez sejamos surpreendidos com algo novo.

Por exemplo, se um analista está saturando sua mente, seu sistema, com o que quer que seja, como memórias, por exemplo, tentar recordar do que ocorreu na sessão anterior, ou as teorias dos livros, mesmo antes da sessão, poderia ser direcionado a não aceitar, em si, as coisas próprias de si. Por considerar, a ideia de ausência de memória e desejo como regras “finais” rígidas de conduta, contradizendo o que, ao menos eu, compreendi.

Como está em Bion (1967), “*a observação psicanalítica não concerne ao que ocorreu nem ao que vai ocorrer, mas ao que está ocorrendo*”, penso que, também no analista deve-se observar. Se após a disciplina, o exercício de sem memória e sem desejo, o sistema analista-pessoa, estiver de acordo, mas, como citado anteriormente, se o analista entende e se utiliza de uma ideia autoperceptiva, como a de Ferrari, de que “não tem memória”, o que quer que surja será de alguma maneira novo e desconhecido. Se, mesmo seguindo a orientação, a disciplina, surgem situações assim, que *parecem* memória, sugiro que pense, como sabe que é memória? Que tipo de memória? Que espécies de estímulos evocariam uma memória como essa? Por que naquele momento? Qual a função que exerce?

Ex. 3: Paciente J (antes da pandemia)

Determinada sessão, J está deitada no divã falando continuamente, sobre uma diversidade de situações, mas as coisas que ela falava eram bastante conhecidas, falava sobre os sintomas que tinha desde muito jovem, gastrite, enxaquecas, e quando iniciamos a análise haviam cessado, que era muito bom... Enquanto eu, sentado em minha poltrona, comecei a sentir, o que imaginei como oriundo, talvez, dos conteúdos da fala, talvez pela tonalidade ou textura, um desconforto. Faço pequenas intervenções, mas nada que sinta útil, naquele momento.

J prossegue falando, e eu com meu desconforto. Em certo momento me ocorre internamente um “*flash*” de uma imagem com o rosto de J olhando para mim, mas um olhar que me transmitia uma ideia que só consegui expressar como “sedução pueril”, que menos de um segundo, a imagem de seu rosto em minha mente parecia de desespero, medo. E da forma que percebi, era como se fosse uma imagem daquele dia, do momento que abri a porta do consultório para convidá-la para a sessão. Não me lembrava de ter percebido, mas é como se me lembrasse.

Pouco depois, outra imagem fragmentada, que me fez lembrar algumas memórias infantis, brincadeiras de criança, uma ciranda. Um pouco adiante, a imagem que me ocorre é de J de olhos fechados, com

várias crianças numa ciranda girando.

Segundo Bion (1962), no livro “*O Aprender com a experiência*” afirma que essas cenas que tentei descrever, ou como chamou, imagens visuais, são “aproximações em α ”. Ou seja, os estímulos sensoriais ainda não psiquicamente decodificados podem ser transformados em “elementos α ”, como a função de sonhar. Se notarmos, também os sonhos noturnos são condicionados, prioritariamente em imagens, como o que Freud (1900) chegou a descrever como imaginava o formato de desenvolvimento do pensamento profundo, onírico, arcaico, originário da capacidade de pensar de maneira articulada, baseado em imagem.

Não sabia o que era, mas algo me informava que aquela experiência que estava acontecendo, era importante, estimulante, talvez pelo nível de desconforto, que não era muito intenso, mas também estava presente. Comecei a notar que o desconforto estava diminuindo, e me ocorreu, mesmo não sabendo se aquilo era útil, não me parecendo racionalmente um material tão bem elaborado, mas pelo fato do que ocorria em mim, do alívio do desconforto, e talvez alguma intuição me creditasse, sentia que estávamos nos aproximando de algo, e que o que imaginava, seria possível oferecer para ela, mesmo que posteriormente se mostrasse inútil ou inadequado.

Disse então que, enquanto ela falava, “*me ocorreu uma imagem: você de olhos fechados rodeada de crianças girando*”. Ficamos em silêncio por um segundo ou menos, e como que uma nova configuração se mostra pra mim, e digo: “*me parece que você está falando de coisas que já sabe, e que eu já sei, talvez na expectativa de que eu me junte a você para falar sobre como a sua terapia é boa e está tudo indo muito bem, e assim possamos ficar de olhos fechados, como uma criança com medo que acredita que se cobrir com o lençol, tapando os olhos vai proteger do que assusta*”.

J fica algum tempo em silêncio e depois conta que recentemente tinha feito um trabalho voluntário com crianças numa ONG, e que as crianças a chamaram para brincar de ciranda, mas ela não conseguiu pois logo começou a se sentir mal e foi embora.

Pouco depois ela conta que havia tido um sonho, no sonho ela “*estava com uma criança que parecia o sobrinho*”, começa a chorar e mesmo com dificuldade, prossegue, “*e eu estava na cama com ele, como normalmente acontece quando minha irmã leva ele lá pra casa, a gente fica assistindo, aí, no sonho...., não me lembro direito, como se eu maltratasse ele..., mas não me lembro, como que você pensou na ciranda?*”

A partir dos desdobramentos do caso, J consegue falar sobre o abuso sexual que sofreu por vários anos em sua infância, lembra que chegou uma época que quando o padrasto chegava à noite para cometer o abuso, ela ficava de olhos fechados, coberta fingindo dormir para ele não mexer nela, “*até funcionou das primeiras vezes, mas depois ele continuava, mesmo enquanto ela fingia estar dormindo.*”

O sonho estava relacionado ao desejo incestuoso que era de alguma forma aterrorizante e sedutor para ela, como ela confirma depois. E imaginei que J talvez não tenha tido a oportunidade de brincar, de ciranda, de brincar de uma maneira que sentisse protegida, que não tenha tido a oportunidade de se sentir vista como uma criança quando criança. E algo mais, que estava aterrorizada com a possibilidade de desejar ocupar o lugar do padrasto...

Na experiência com J, penso que tivemos a possibilidade de viver, algo como uma repetição, ela se escondendo, mantendo os “olhos fechados”, com medo de que eu a abusasse, ao mesmo tempo como se me convidasse para esse conluio perverso. Ao expor as imagens, as fantasias que me ocorreram, parece ter tornado possível que ela abrisse os olhos para, de alguma forma, testar a realidade comigo e possivelmente encontrar um espaço nela mesma, com a possibilidade de construir esperança na vida, como penso ser importante, dentro de si, em relação a si mesma e ao mundo.

ENCETADURA DE UMA CONCLUSÃO

O incômodo, diversas vezes citado no decorrer do texto é como o estímulo para o início de algo. Sem alguma parcela disso, acredito que não teria escrito nada.

Em outro fragmento de carta, endereçada a Sándor Ferenczi, no dia 2 de abril de 1911, Freud o escreve: *“Há muito tempo sei que me é impossível trabalhar quando me sinto bem; tenho necessidade, ao contrário, de certo grau de mal-estar, do qual tento livrar-me.”*

Concluindo esse texto, mas não finalizando a ideia, gostaria de falar sobre o tema. No meu ponto de vista, a relação do sistema e a realidade (interna e externa), produtora de estímulos, possibilita o evocar dos incômodos frequentemente mencionados, e, com alguma “sorte” de ser recebidos por um outro que tenha a disponibilidade necessária, podemos construir um espaço interno de criatividade, para acolher esses estímulos provocativos e talvez, com engenhosidade, inventar algo produtivo, para auxiliar a nossa existência.

Percebo que devo parar de escrever, mesmo que alguns “convidados” ainda não tenham se pronunciado, eles estão presentes, quase confortavelmente agora. Devo suportar a presença deles por mais algum tempo, em silêncio, sentado em minha cadeira.

THE SYSTEM’S SINGULARITY AND THE PERSON-ANALIST

SUBSTRACT: The author of this present article, investigate the constitution of the individual and the singular componentes of experience originated from the human life’s development, that criates a great variation of possibilities to interpret reality. The primal references used by the author are Freud, Bion, Ferrari e Anzieu, beyond that, the author implemets some fragments of analytical experiences, to illustrate his propositions.

KEYWORDS: experience; complexity; discomfort; psychoanalysis; perception.

LA SINGULARIDAD DEL SISTEMA Y LA PERSONA-ANALISTA

RESUMEN: El autor de este articulo, busca investigar la construcción del individuo e los componentes de la singularidade de las experiencias que surgen del processo de desarrollo de la vida humana en relación con las posibles variaciones em las interpretaciones de la realidade. Las principales referencias utilizadas por el autor son Freud, Bion, Ferrari e Anzieu, además de la experiencia clínica, conteniendo algunos fragmentos de sesiones de análisis, para ilustrar las proposiciones.

PALAVRAS-CLAVE: experiencia; complejidad; incomodidad; psicoanálisis; percepción.

REFERÊNCIAS

- Anzieu, D. (2006) *Psicanalisar*. São Paulo: Ideias e letras.
- Bion, W. (1959) *Cogitações*. Rio de Janeiro: Imago, 2000.
- Bion, W. (1962) *O aprender com a experiência*. Rio de Janeiro: Imago, 1991.
- Bion, W. (1967) Notas sobre memória e desejo. In *Melanie Klein hoje: desenvolvimentos da teoria e da técnica Vol 2: artigos predominantemente técnicos*. Rio de Janeiro: Imago, 1990.
- Bion, W. (1970). *Atenção e interpretação. uma aproximação científica à compreensão interna na psicanálise e nos grupos*. Rio de Janeiro: Imago, 1973.
- Bion, W. (1977). *Seminários na Clínica Tvisstock- segundo seminário*. São Paulo: Blucher, 2017.
- Bion, W. (1978). *Conversando com Bion: Quatro discussões com W.R.Bion/ Bion em Nova Iorque e em São Paulo*. Rio de Janeiro: Imago, 1992.
- Bion, W. (1979). *Uma memória do futuro, vol.3: a aurora do esquecimento*. Rio de Janeiro: Imago, 1996.
- Ferrari, A. (1995) *O eclipse do corpo: uma hipótese psicanalítica*. Rio de Janeiro: Imago.
- Ferrari, A.; Santucci, L. *As (novas) confissões de um italiano*. Milano: Chimera.
- Freud, S. (1900) *A interpretação dos sonhos*. In *Obras completas*. São Paulo: Companhia das letras, 2010.
- Freud, S. (1911) *Formulações sobre os dois princípios do funcionamento mental*. In *Obras completas*. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.
- Freud, S. (1920) *Além do princípio do prazer*. In *Obras completas*. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.
- Klein, M. (1946) *Notas sobre alguns mecanismos esquizóides*. Rio de Janeiro: Imago, 2006.
- Klein, M. (1952). *As origens da transferência*. Rio de Janeiro: Imago, 2006.
- Mijolla, A. (1982). *Pensamentos de Freud*. Rio de Janeiro: Nova fronteira.

daniлогoulart@hotmail.com